HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL:
uma revisão historiográfica na RBHE (2001-2025)

History of Education in Brazil: a historiographical review in the RBHE (2001-2025)

Historia de la educación en Brasil: una revisión historiográfica en RBHE (2001-2025)

TONY HONORATO[1*], ANA CLARA BORTOLETO NERY[2], JOSÉ EDIMAR DE SOUZA[3]
[1]Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. [2]Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, Brasil. [3]Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. *Autor correspondente. *E-mail: tony@uel.br*.

Resumo: O artigo realiza uma análise historiográfica da produção veiculada na *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) entre 2001 e 2025. Com base na revisão de textos de balanço, examina objetos de pesquisa, abordagens teórico-metodológicas, fontes, periodizações e sujeitos da escrita histórica. Evidencia-se a ampliação temática, a diversidade epistemológica e o fortalecimento institucional impulsionado pela SBHE, pelos programas de pós-graduação e por grupos de pesquisa. O estudo aponta desafios como a fragmentação do campo, a necessidade de preservação de acervos, a ampliação da inserção social do conhecimento, o fortalecimento do ensino de história da educação na formação de professores e o aprofundamento da dimensão crítica da História da Educação.

Palavras-chave: historiografia; produção; revista; SBHE.

Abstract: This article provides a historiographical analysis of publications in the *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) from 2001 to 2025. Based on a state-of-the-art review, the article examines research objects, theoretical and methodological approaches, sources, periodizations, and subjects of historical writing. The study highlights the thematic expansion, epistemological diversity, and institutional strengthening driven by the SBHE, graduate programs, and research groups. The study points to challenges such as the fragmentation of the field, the need to preserve collections, the expansion of the social insertion of knowledge, strengthening the teaching of the history of education in teacher training programs, and deepening the critical dimension of the History of Education..

Keywords: historiography; production; journal; SBHE.

Resumen: Este artículo presenta un análisis historiográfica de las publicaciones de la *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) entre 2001 y 2025. A partir de una revisión de textos de resúmenes, examina los objetos de investigación, los enfoques teóricos y metodológicos, las fuentes, las periodizaciones y los temas de la escritura histórica. Destaca la expansión temática, la diversidad epistemológica y el fortalecimiento institucional impulsados por la SBHE, los programas de posgrado y los grupos de investigación. El estudio señala desafíos como la fragmentación del campo, la necesidad de preservar las colecciones, la expansión de la inserción social del conocimiento, el fortalecimiento de la enseñanza de la historia de la educación en la formación docente y la profundización de la dimensión crítica de la Historia de la Educación.

Palabras clave: historiografía; producción; revista; SBHE.

https://doi.org/10.4025/rbhe.v26.2026.e422
e-ISSN: 2238-0094

INTRODUÇÃO

A Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) completou recentemente 25 anos e, dentre as suas contribuições mais significativas, está a *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE). Este artigo propõe uma análise historiográfica da produção difundida pela RBHE, que permite compreender os caminhos e os rumos do campo da História da Educação no Brasil.

Inicialmente, compreende-se por análise historiográfica o estudo sistemático e crítico da escrita da história, da produção divulgada e da cultura histórica, dirigindo-se ao já produzido (Malerba, 2002). Trata-se de operar com o caráter autorreflexivo do conhecimento histórico, a considerar a própria historicidade do campo em análise; em outras palavras, "a fonte geradora da historiografia é a necessária retificação das versões do passado histórico, operada a cada geração" (Malerba, 2002, p. 38). É significativo que o historiador da educação seja capaz de refletir sobre a própria história do seu campo, de interrogar os sentidos do conhecimento histórico, de sentir os desafios do tempo e de participar criticamente na construção de uma história educacional mais atenta às realidades (Catani & Faria Filho, 2002).

Então, indaga-se: quais questões históricas, conceituais e metodológicas vêm sendo abordadas e praticadas no campo da História da Educação no Brasil, considerando as publicações na RBHE (2001-2025)? O objetivo é analisar a produção acadêmica sobre o campo, com base em uma revisão dos 'balanços' publicados na Revista da SBHE. Para examinar os modos da produção histórico-educacional (objetos, abordagens teórico-metodológicas, fontes, periodizações, sujeitos da escrita), delimitou-se um período entre 2001, da fundação do primeiro número da RBHE, e dezembro de 2025, considerando até a finalização da pesquisa que resultou neste artigo.

Optou-se pelos textos da RBHE que apresentam 'balanços', como a arte de explorar o campo e seus funcionamentos. Essa arte, conforme Galvão *et al.* (2008), é marcada pela incompletude e pela provisoriedade de determinado campo intelectual, pois, a princípio, um campo está em movimento com forças que o integram e o redefinem permanentemente.

> Pensar uma história dos "balanços" produzidos em um campo bem determinado, como o da história da educação, consiste em ação a ser feita com base no manejo das matérias que compõem o solo desse campo, suas camadas, partículas e produtos. Matérias, cujo contato leva-nos a interrogar o velho, o já feito, já escrito, como estratégia para fazer expandir, dilatar e estender a compreensão que temos do hoje e de nossa breve experiência humana. Portanto, é sobre os restos, esse humus depositado materialmente na escrita que incidem os balanços produzidos (e a produzir) (Galvão *et al.*, 2008, p. 177).

A produção de balanços historiográficos e a análise sobre eles permitem conhecer, documentar e divulgar os estudos ainda mais, o que resulta na ampliação do conhecimento histórico e no fortalecimento de um conjunto de referências para o próprio campo. A RBHE é organizada no âmbito da SBHE, é de acesso aberto a toda comunidade interessada. Entre 2001 e 2025, publicou 55 edições, totalizando 836 textos (artigos, artigos de dossiês, notas de leituras, resenhas, entrevistas) e 54 editoriais. Para este artigo, consultou-se edição por edição, texto por texto. Como estratégia, elegeu-se a leitura de títulos, resumos e palavras-chaves, e, quando insuficientes, a introdução, a metodologia e as considerações finais dos textos. Desse modo, foram identificados os objetos, as abordagens teórico-metodológicas, as fontes, as periodizações e os sujeitos da escrita da História da Educação.

A RBHE EM EDITORIAIS

A *Revista Brasileira de História da Educação* é um órgão oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação. Foi criada após o *I Congresso Brasileiro de História da Educação* (CBHE), realizado em 2000, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Revista nasceu com o objetivo de ser um canal de comunicação em caráter permanente para "disponibilizar aos investigadores da área um campo fértil de intervenção, diálogo e debate" (Comissão Editorial [RBHE], 2002, p. 7). Como uma espécie de fórum para o diálogo, a convergência e a divergência entre os conhecimentos produzidos pelos pares, intentava tornar-se um lugar de aglutinação e de pertencimento da comunidade nacional de historiadores da educação, em conexão com pesquisadores estrangeiros, além de ampliar a visibilidade acadêmica das contribuições dos estudos históricos para as questões e os problemas educacionais.

O início da Revista não foi tarefa fácil, conforme exclamado pelos primeiros editores:

> Para viabilizar o desenho da revista foi preciso vencer inúmeros obstáculos desde a composição de sua comissão editorial e conselho consultivo, até a elaboração do projeto gráfico com a definição das seções. Dada a prioridade que conferimos à RBHE, foi preciso encontrar meios de contornar todos os obstáculos (Equipe Editorial [RBHE], 2001, p. 7).

Para enfrentar esses desafios, o Editorial reconheceu que foi fundamental a receptividade irrestrita de todos aqueles solicitados na colaboração (Equipe Editorial [RBHE], 2001). Conforme o Editorial, a primeira publicação organizou os textos de caráter mais geral, seguindo-se pelos mais específicos, a fim de promover a "dinamização, aglutinação e fortalecimento da comunidade nacional de pesquisadores da área". No segundo número da Revista, houve o processo de seleção de artigos; e, no quarto número, a novidade foi a publicação do primeiro dossiê

temático, intitulado *Negros e a Educação,* o que inaugurou uma estratégia editorial focada em debates específicos.

Entre 2001 e 2002, a Revista conseguiu manter a periodicidade, ao publicar dois números por ano, um em cada semestre, totalizando 37 textos (artigos, artigos de dossiê, resenhas, notas de leitura). Nos textos, destacaram-se questões historiográficas da educação, envolvendo cultura escolar, métodos de ensino, manuais pedagógicos, sentimentos e sensibilidades, escrita escolar (cadernos, fichários, cartas), leitura e livros escolares, pensamentos e reformas político-educacionais, instituições escolares, estudos comparados, formação de professores, profissão docente e diferentes sujeitos da escolarização (mulheres, alunos, negros, missionários), além de valores nacionais na educação. Essas temáticas historiográficas continuaram com espaço na trajetória do periódico, e outras passaram a compor os debates produzidos pelo campo da História da Educação.

Na Tabela 1, encontra-se o quantitativo de publicações na RBHE entre janeiro de 2001 e dezembro de 2025.

Tabela 1 – Textos publicados na RBHE (2001-2025)

Ano	Edições	Artigos	Dossiês (artigos)	Resenhas	Notas de leitura	Entrevistas	Quant. Ano
2001	2	16	-	3	3	-	22
2002	2	7	4	4	2	-	17
2003	2	12	4	7	1	-	24
2004	2	13	5	3	2	-	23
2005	2	10	6	3	-	-	19
2006	2	12	-	4	-	-	16
2007	3	13	9	3	-	-	25
2008	3	16	6	3	1	-	26
2009	3	22	-	2	1	-	25
2010	3	18	4	6	-	1	29
2011	3	14	5	6	-	-	25
2012	3	24	-	5	-	-	29
2013	3	21	5	3	-	1	30
2014	3	20	10	6	-	-	36
2015	3	20	10	4	-	-	34
2016	4	31	10	5	-	-	46
2017	4	40	-	1	-	-	41
2018	1	31	11	4	-	1	47
2019	1	27	13	2	-	1	43
2020	1	14	16	3	-	1	34
2021	1	45	-	2	-	1	48
2022	1	33	12	3	-	-	48
2023	1	33	12	4	-	1	50
2024	1	39	6	3	-	-	48
2025	1	31	16	2	-	2	51
TOTAL	-	562	164	91	10	9	**836**

Nota. Elaboração dos autores com base em dados da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE). O total anual não inclui editoriais nem apresentações de dossiês. O volume de 2023 inclui uma tradução..

Como se nota na Tabela 1, a Revista publicou edições semestrais até o fim de 2006; no ano seguinte, passou a publicar quadrimestralmente; a partir de 2016, publicou trimestralmente; e de 2018 em diante, a publicação deu-se em fluxo contínuo. A Revista, sediada na Faculdade de Educação da Unicamp, a partir de março de 2012, começou a contar com versão digital, usando o *Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas* (SEER), ampliando a informatização do processo de submissão e divulgação. Em 2014, a editoração foi transferida para a Universidade Estadual de Maringá (UEM). No projeto editorial, encontra-se, entre outras iniciativas, a disponibilização do *DOI* (*Digital Object Identifier*) nos artigos, assim como a divulgação da lista de consultores/pareceristas *ad-hoc* de cada número. Após a publicação do v. 16, n. 1[40] de 2016, as novas edições da RBHE deixaram de circular no suporte impresso.

Em 2023, a fim de viabilizar novas possibilidades de interagir com o público, a Revista abriu um perfil no Twitter e, em 2025, inaugurou o *É hora da RBHE*, que é um encontro on-line de sua nova série de debates promovida por editores e autores sobre artigos recentemente publicados no periódico. A série pode ser assistida no canal do Youtube *@rbhe-sbhe*. Soma-se a essa iniciativa de ambiente virtual de divulgação científica a participação da RBHE no *press release* e *pitches* no Blog do *SciELO*.

Desde 2004, a Revista foi avaliada com o conceito A do *Qualis* CAPES e contou com o apoio financeiro do CNPq, exceto em períodos de políticas de corte orçamentário da agência. Em 2005, foram incluídos na editoração procedimentos como: a) explicitar as datas de recebimento de textos, de envio aos pareceristas, de aprovação e/ou de reformulação; b) figurar em português e em inglês o título e o resumo na apresentação dos artigos; c) informar os endereços para contato com os autores no final dos artigos. Com isso, pretendia demonstrar rigor acadêmico e de editoração, aprimorando a qualidade de informações sobre os fluxos de tramitação e a autoria dos textos. Em 2025, a Revista está avaliada no estrato A1 conforme o *Qualis*, cujo conceito também diz respeito às bases indexadoras atingidas pelo periódico no decurso de sua trajetória.

Os projetos editoriais da RBHE buscaram permanentes indexações. Em 2006, a Revista foi indexada na Biblioteca Brasileira de Educação (BBE – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep), na Base de Dados da Faculdade de Educação da Unicamp (Edubase), na Divisão de Periódicos da Universidade de Brasília (UnB) e na Base de Dados da Fundação Carlos Chagas (DBFCC). A concretização da indexação da RBHE na plataforma Scielo foi anunciada em 2018 pelo editorial intitulado *A RBHE comemora seus dezoito anos com novo formato* (Cerecedo et al., 2018). Com o passar do tempo, diversos indexadores foram atingidos (DOAJ, Redalyc, Latindex, Educ@, ERIH Plus, IRESIE etc.), e a busca é contínua por outros, como Scopus e Web of Science.

Nesse sentido, as exigências de circulação internacional das pesquisas levaram o projeto editorial da Revista a adotar, em 2016, as normas de formatação da *American Psychological Association* (APA), assim como a prática de publicar textos originais em

português, inglês, francês e/ou espanhol. Isso gerou maior número de páginas, o que foi possível no suporte digital. Conforme Vieira et al. (2024, p. 6), o "processo de internacionalização – antes restrito à tradução de artigos, à indexação em bases de dados internacionais, à composição da Comissão e do Conselho Editorial e à publicação de autores estrangeiros – atinge agora a avaliação dos manuscritos e do periódico".

Em 2018, como se observa na Tabela 1, iniciou-se a publicação contínua de manuscritos a partir do volume de número 18. Nos editoriais, há a atribuição de títulos (ex.: *A RBHE comemora seus dezoito anos com novo formato,* entre outros) e o nome dos docentes assinantes da Comissão Editorial[1]. Na leitura dos editoriais publicados entre 2018 e 2025, houve o aumento da explicitação, da reflexão e do posicionamento crítico sobre os problemas e as conjunturas da sociedade.

> O campo intelectual e científico não se encontra apartado do político. Neste sentido, cabe uma nota sobre as políticas atuais para ciência, tecnologia e inovação. O ano de 2019 representou um período de muitos embates. Vários cortes no orçamento das universidades públicas e nas agências de fomento (CNPq, Capes, Finep e FAPs) – efetuados, sobretudo, pelo governo federal – mobilizou a sociedade civil e instituições acadêmicas em torno da retomada das condições mínimas para o desenvolvimento acadêmico-científico brasileiro, o que passa pela definição de um orçamento que contemple a manutenção e expansão da estrutura da pesquisa, bem como as de formação de novos pesquisadores. [...] Por fim, algo que afeta a RBHE e a comunicação da ciência em educação de modo geral, refere-se ao resultado do Edital de Apoio aos Periódicos, do CNPq, sem contemplar nenhuma revista da área de educação (Cerecedo et al., 2019, p. 3).

Na sociedade brasileira, os tensionamentos se intensificaram com a proliferação da Covid-19, os retrocessos políticos e a circulação de *fake news* científicas. Os tempos exigiam posicionamentos críticos por parte do campo intelectual. Com isso, os pesquisadores da História da Educação não se eximiram do debate (Honorato & Nery, 2020). No contexto, os editoriais da RBHE se posicionaram criticamente em defesa da vida e da nação plural na emergência da crise vivida.

> Lamentavelmente, a comemoração de duas décadas de existência da RBHE se dá em meio a um tempo obscuro, permeado de dramas de naturezas muito distintas. Em meio a uma crise sanitária que solapou o mundo em 2020, infligindo a necessidade de isolamento social e outras tantas rotinas de prevenção, vivemos no Brasil uma

[1] O histórico completo de comissões editoriais da RBHE (2001-2023) encontra-se em sua própria *homepage*.

> crise política, acentuada com o resultado das últimas eleições presidenciais de 2018, com uma agenda composta por série de medidas voltadas para supressão e/ou redução de direitos de crianças, jovens, trabalhadores e cidadãos com os mais diversos pertencimentos; bem como para a negação do valor da ciência. Essa crise vem produzindo fortes rebatimentos na sociedade, na educação, na cultura, na economia; evidenciando um projeto de governo que não apenas ignora o valor da vida, como age cotidianamente contra ela, sobretudo em relação aos mais vulneráveis (Cerecedo et al., 2020, pp. 2–3).

A RBHE sentia-se desafiada pelo contexto de crise, e isso exigia o exercício difícil de compreender o momento em seu processo histórico, mesmo que fosse necessário "repensar práticas, estratégias, táticas e fazeres, ampliando saberes tanto do ponto de vista de sua produção, quanto de sua divulgação" (Cerecedo et al., 2021, p. 1). Em seus 25 anos de existência, muitas outras dificuldades e desafios foram enfrentados pela Revista e seus editores. Os pesquisadores associados à SBHE compuseram as comissões editoriais e colaboraram com a construção, passo a passo, de um periódico significativamente representante da divulgação dos resultados de pesquisas em História da Educação, uma vez que se trata de um periódico entre os mais destacados do país e reconhecido internacionalmente.

A trajetória da RBHE se edificou em concomitância ao processo de estruturação da SBHE, que também envolve a organização e o fortalecimento do CBHE (Congresso Brasileiro de História da Educação), o posicionamento na agenda da ciência e da educação e a articulação de historiadores da educação em figurações brasileiras e internacionais. A Revista funciona "como uma excelente ferramenta para conhecimento das pesquisas desenvolvidas e em desenvolvimento no Brasil, propiciando intercâmbios e socializando resultados" (Saviani *et al.*, 2011, p. 30). A RBHE, por meio de suas publicações e em especial por meio dos balanços historiográficos difundidos, permite dimensionar o funcionamento do campo da História da Educação.

BALANÇO DAS REVISÕES HISTORIOGRÁFICAS VEICULADAS NA RBHE

Na RBHE, identificam-se inúmeros textos sobre a escrita da História da Educação, apresentando balanços da produção, experiências, possibilidades e perspectivas para fomentar o debate sobre os vários modos de produzir conhecimento no campo. Isso contribui para dimensionar, compreender e atualizar os movimentos teóricos e os objetos históricos analisados, permitindo identificar consolidações, emergências e tendências da produção dos saberes histórico-educacionais gerados em diferentes textos, contextos, narrativas, instituições e políticas nos quais os

historiadores da educação estavam e estão relacionados e a partir dos quais se posicionam. Os textos sobre historiografia na/da Educação demarcam e configuram esse campo no Brasil que está em interdependência com os modos historiográficos internacionais.

Com o objetivo de mapear os textos de análise historiográfica publicados na RBHE (2001-2025), na aba de pesquisa intitulada 'buscar' da plataforma digital da Revista, aplicaram-se os descritores 'historiografia', 'produção', 'balanço' e 'escrita' (da história), obtendo os seguintes resultados: 103 itens para historiografia, 115 itens para produção, 77 itens para escrita (da história) e 9 itens para balanço, com subtotal de 304 textos do total de 836 textos quantificados na Tabela 1 da seção anterior deste artigo.

Os quatro descritores estão grafados em títulos e/ou em palavras-chave dos textos. Ao ler os títulos e os resumos, notou-se que, em primeiro lugar, nem todos os textos focam diretamente a análise historiográfica de produções do campo. Por exemplo, há, sobre a história do ensino da escrita, a produção de livros didáticos, a produção e circulação de saberes, o balanço de práticas arquivísticas na formação de acervos, a eleição de uma ou mais historiografia (história cultural, história social, micro-história etc.) para se interpretar um objeto histórico específico. Em segundo lugar, alguns textos se repetiam nos descritores eleitos para busca. Essas condições exigiram delimitar e escolher os textos que privilegiassem como objetivo principal a sistematização de um conjunto de conhecimentos produzidos no campo histórico-educacional e que permitissem a análise, o balanço e a revisão historiográfica. Com a delimitação, chegou-se em 103 textos, dos quais escolheu-se aqueles que se posicionam mais amplamente no esforço de reconhecer as diferentes figurações, institucionalizações, difusões e sujeitos do funcionamento do campo da História da Educação. Desse modo, são 14 textos listados nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1 - Balanços sobre a História da Educação: instituições, periodizações e sujeitos

Bontempi Júnior, B. (v. 3, n. 1, 2003). A educação brasileira e a sua periodização: vestígio de uma identidade disciplinar. (Artigo)
Galvão, A. M., Moraes, D. Z., Gondra, J. G., & Biccas, M. de S. (v. 8, n. 1, 2008). Difusão, apropriação e produção do saber histórico: A Revista Brasileira de História da Educação (2001-2007). (Artigo)
Carvalho, F. G. de. (v. 11, n. 3, 2011). História da educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI. (Resenha)
Saviani, D., Carvalho, M. M. C. de, Vidal, D., Alves, C., & Gonçalves Neto, W. (v. 11, n. 3, 2011). Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. (Artigo)
Bittar, M. (v. 19, 2019). Vinte anos da Sociedade Brasileira de História da Educação: com os olhos no futuro. (Artigo de dossiê)
Pinheiro, A. C. F. (v. 19, 2019). Historiadores da educação brasileira: gerações em diálogo. (Artigo de dossiê)
Soares, F. S., & Plessim, V. K. (v. 19, 2019). Por uma história da história da educação no Brasil: Diana Vidal entre os 20 anos da SBHE e os 22 anos do NIEPHE. (Entrevista)

Nota. Elaboração dos autores com base em dados da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE).

Em *A educação brasileira e a sua periodização*, Bontempi Júnior (2003) analisa um significativo texto/documento de Laerte Ramos de Carvalho – catedrático de História e Filosofia da Educação da USP, que propõe uma periodização da História da Educação no Brasil e foi escrito em l971 para o Encontro Internacional de Estudos Brasileiros e publicado em 1972 nos anais do I Seminário Internacional de Estudos Brasileiros do IEB-USP. No texto, sistematiza uma periodização baseada em eventos educacionais, e não em marcos políticos e administrativos da história brasileira, rompendo com modelos historiográficos anteriores e adentrando os marcos específicos da realidade educacional brasileira. Sumariamente, a proposta foi: 1549-1759: o domínio jesuítico na educação; 1759-1889: o processo de secularização do ensino, o sistema de aulas régias e as primeiras instituições de ensino superior, mas sob forte influência do "modelo educacional coimbrão"; 1889-1930: o laicismo, a descentralização educacional, o ensino livre e os esforços posteriores para a organização de um sistema escolar nacional; 1930 em diante: as reformas estruturais, o fortalecimento de instituições educacionais, a organização e a modernização do sistema escolar nacional, o planejamento educacional, a democratização do ensino primário, a privatização do ensino médio, a luta pela existência de universidades e pela renovação pedagógica.

Para Monarcha (2007), Laerte Ramos de Carvalho diferenciou a História da Educação de outros campos científicos, atribuindo-lhe domínio disciplinar e método crítico próprio, fundado na objetividade, nas reconstruções exaustivas utilizando fontes primordiais e no enquadramento monográfico erudito. Desse modo, acredita-se que uma virada na história da historiografia da educação brasileira estivesse ocorrendo, justamente, na forma como os pesquisadores passariam a produzir os objetos da pesquisa histórico-educacional.

No Quadro 1, a constituição da SBHE se evidencia nos estudos de Saviani *et al*. (2011), Bittar (2019) e Soares e Plessim (2019). O texto de Saviani e colaboradores aborda a trajetória histórica da instituição, segundo os cinco primeiros presidentes: Dermeval Saviani (1999-2001), Marta Maria Chagas de Carvalho (2001-2003), Diana Gonçalves Vidal (2003-2007), Claudia Alves (2007-2009) e Wenceslau Gonçalves Neto (2009-2011). Estes, na condição de lideranças do processo e autores do artigo em discussão, consideram que o campo da História da Educação demandava, no final da década de 1990, a ampliação dos espaços de exposição e discussão das pesquisas, função que o GT-História da Educação (constituído em 1984 na Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) não poderia mais exercer.

A SBHE foi fundada em 1999 no âmbito da 22ª Reunião Anual da Anped. Segundo Saviani *et al.* (2011), a demanda foi fomentada, entre outras razões, pelo crescimento do número de pesquisadores, pela formação de diversas figurações institucionais de pesquisa de história da educação (Grupo Histedbr, fundado em 1986 na Unicamp; Centro de Memória da Educação da FEUSP – criado em 1991; Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da UFU – criado em 1991; Grupo de

Pesquisa em História da Educação de Mato Grosso – criado em 1996 na UFMT; Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação – Gephe/UFMG), Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE fundada em 1996); pelos foros internacionais que requeriam representação articulada nacionalmente (ex.: congressos ibero-americanos de História da Educação Latino-Americana, realizados desde 1992, e que em 1996 recomendaram em assembleia a importância de cada país ter uma sociedade nacional para que futuramente pudessem fundar uma latino-americana); e pela renovação teórica e metodológica vivida sobretudo a partir dos anos 1980 impulsionada pelo desafio de maior articulação entre a historiografia educacional e as fontes e entre os acontecimentos históricos e as relações sociais. Isso foi muito influenciado pela Nova História – especificamente a Nova História Cultural – e provocou diferentes possibilidades de investigação sobre temas e fontes até então pouco estudados envolvendo o cotidiano escolar, o gênero, a profissão docente, os grupos subalternizados, as disciplinas escolares, os saberes e as práticas de leitura/escrita, os impressos pedagógicos, os rituais escolares, as instituições educativas, entre outros que provocam análises interdisciplinares.

Constituía-se uma comunidade institucionalizada de pesquisadores de História da Educação no Brasil. No balanço histórico feito por Saviani *et al.* (2011), a SBHE enveredou para a política de construção dos CBHE, a política de apoio a congressos internacionais (luso-brasileiros, ibero-americanos, ISCHE), a política de estímulo a redes de pesquisa nacionais e internacionais, a política de fortalecimento de um projeto editorial próprio (RBHE, coleções – *Documentos da Educação Brasileira*, *Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil*, anais e livros com conferências dos Congressos), a política de visibilidade via a sua *homepage* e a política de engajamento na defesa da ciência no Brasil.

Logo, considerou-se consolidado o campo da História da Educação no Brasil. Contudo, Bittar (2019), ao realizar o balanço *Vinte anos da Sociedade Brasileira de História da Educação: com os olhos no futuro*, adverte para os desafios, como a redução da presença da disciplina nos currículos de formação docente, a internacionalização sem perder identidade nacional, o enfraquecimento do debate teórico no campo, a continuidade da promoção da diversidade epistemológica, a necessidade de alargar fronteiras incluindo múltiplas vozes e experiências e a ampliação do diálogo com a sociedade no geral, e não apenas com especialistas da academia. Ainda, na entrevista de Diana Gonçalves Vidal, concedida a Soares e Plessim (2019) e intitulada *Por uma história da história da educação no Brasil: Diana Vidal entre os 20 anos da SBHE e os 22 anos do NIEPHE*, encontram-se também preocupações como a redução das disciplinas de História da Educação nos cursos universitários e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho para novos pesquisadores. Outro desafio, segundo a entrevistada, é "produzir uma história transnacional da educação, porque isso envolve não só conhecimento de idiomas, mas o acesso a uma bibliografia e a fontes que permitam compreender e situar o Brasil nesse circuito" (Soares & Plessim, 2019, p. 20).

A SBHE representa um marco fundamental para consolidar o processo institucional, intelectual e político do campo da História da Educação no Brasil, que se organiza desde a década de 1920 (Bittar, 2019; Monarcha, 2007; Saviani et al., 2011). A Sociedade contribui fortemente para o reconhecimento da História da Educação como campo relativamente autônomo, de maneira a promover a produção e a circulação de conhecimentos, bem como viabilizar espaços próprios de debate e disseminação dos saberes histórico-educacionais. Devido à representação e às realizações, evidentemente cabe à comunidade de historiadores da educação empreender escrutínios sobre os movimentos da SBHE e seus impactos.

O artigo, escrito e assinado pelos editores da RBHE 2005-2007 (Galvão *et al.*, 2008), analisa de modo crítico a trajetória da Revista entre 2001 e 2007. Faz um minucioso e aprofundado balanço quantitativo e qualitativo das produções disseminadas no periódico, avaliando temas abordados, tempos e espaços privilegiados, referenciais teóricos adotados, fontes utilizadas, autores envolvidos e proveniência institucional/espacial das autorias. Com a prática de balanços da historiografia como forma de compreender as dinâmicas, as disputas e os contornos da área, os autores analisaram que a RBHE priorizou trabalhos voltados à cultura escolar, à formação docente, aos arquivos escolares, à cultura material e à educação de grupos marginalizados (como a população negra). Logo, houve pluralidade teórico-metodológica e valorização de estudos comparativos e do diálogo com a América Latina e o mundo ibérico. Além disso, os temas mais abordados se concentraram nos séculos XIX e XX.

Na RBHE, também são publicadas resenhas de livros que permitem leituras sobre o campo. Carvalho (2011) resenha o livro *História da educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*, organizado por Libânia Xavier, Elomar Tambara e Antônio Carlos Ferreira Pinheiro, e publicado na coleção *Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil*. A produção destaca que a História da Educação no Brasil utiliza diversas matrizes interpretativas (como as abordagens político-institucional, sociológica, ideológica e cultural), fontes e métodos (como oralidade, estatísticas e livros didáticos), bem como novas abordagens (influência da história cultural, oral e do tempo presente). Assim, supõe-se que o campo está em expansão com a presença nos programas de pós-graduação brasileiros e em diálogo com pesquisadores estrangeiros.

Para pensar uma história dos sujeitos atuantes no campo, o artigo de Pinheiro (2019), *Historiadores da educação brasileira: gerações em diálogo*, contribui ao analisar o perfil de formação inicial de 731 pesquisadores, distribuindo-os em cinco gerações, desde o século XIX até 2019. As três primeiras gerações foram analisadas de acordo com as datas de publicação da primeira edição de suas obras e, em alguns casos, pelo ano em que obtiveram títulos acadêmicos. Para a quarta e a quinta gerações, listaram-se os pesquisadores que publicaram na RBHE e na *Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação*, ambas da SBHE. A primeira geração, de 1838 até 1910, foi

constituída por oito estudiosos, homens letrados (juristas, médicos, religiosos) marcadamente influenciados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. A segunda geração, de 1911 até 1965, com 26 estudiosos com formação variada, teve predominância de professores normalistas e áreas afins, como Direito, Filosofia e História. A terceira geração, de 1966 até 1980, aqui considerada como a que vivenciou o processo de implementação da pós-graduação em Educação no Brasil, 34 pesquisadores foram identificados com predominância da formação em Pedagogia e Filosofia. A quarta geração, de 1981 até 2000, foi a que acompanhou a expansão da pós-graduação em Educação no Brasil, na qual 195 pesquisadores foram identificados, sendo um terço formado em Pedagogia, seguido pelos formados em História, Filosofia e um aumento da diversidade de formações. E a quinta e última geração, 2001 até 2019, se deu no contexto da estabilidade da pós-graduação e no crescimento expressivo da participação feminina e da interdisciplinaridade. Neste período foram identificados 468 pesquisadores (verificam-se 313 mulheres), sendo a maioria formada em Pedagogia, e, seguindo uma ordem decrescente, pesquisadores formados em História, Educação Física, Filosofia, Ciências Sociais, Psicologia, Letras, Matemática e um aumento ainda maior da diversidade de formações.

As análises sobre o campo da História da Educação no Brasil, publicadas na RBHE, também envolvem figurações ainda mais específicas, considerando as produções no contexto de GTs de História da Educação, dos programas de pós-graduação, dos grupos de pesquisa e das diferentes regiões do país.

Quadro 2 – Balanços sobre produções no contexto de GTs-HE, PPGs, Grupos de Pesquisa

Araújo, M. M. de. (v. 3, n. 1, 2003). Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região Nordeste. (Artigo)
Siqueira, E. M. (v. 5, n. 2, 2005). Reconstituindo arquivos escolares: a experiência do GEM/MT. (Artigo de dossiê)
Buffa, E. (v. 16, n. 4, 2016). Os 30 anos do GT de História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo. (Artigo)
Alves, L. M. S. A., Nery, V. S. C., & Silva, L. S. da. (v. 19, 2019). Cartografia das produções em História da Educação nos Programas de Pós-graduação em Educação no Pará (2005-2018). (Artigo de dossiê)
Araújo, M. M. de. (v. 19, 2019). As cidadelas das pesquisas de história da educação no Brasil. (Artigo)
Bontempi Júnior, B. (v. 19, 2019). O 'Grupo de Laerte' e a escrita da história da educação (1962-1972). (Artigo de dossiê)
Vasconcelos, K. R. de M., Souza, D. P. de, & Miki, P. da S. R. (v. 23, n. 1, 2023). História da educação: formação do campo nos estados do Amazonas e Pará. (Artigo)

Nota. Elaboração dos autores com base em dados da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE).

No quadro 2, localizam-se artigos sobre balanços de produções historiográficas da educação situadas em grupos de pesquisa e em programas de pós-graduação vinculados às universidades. O texto *O 'Grupo de Laerte' e a escrita da história da educação (1962-1972)*, de Bontempi Júnior (2019), analisa as experiências de produção historiográfica em História e Filosofia da Educação coordenadas por Laerte Ramos de

Carvalho, entre os anos 1960 e 1970, na USP e em faculdades do interior do estado de São Paulo. O 'Grupo de Laerte' desenvolveu pesquisas monográficas em História da Educação com forte base em documentação primária oficial e predomínio de leis, relatórios, estatísticas, programas de ensino e jornais. Além disso, enfatizaram-se as reformas educacionais como expressão de ideias políticas-filosóficas e como possibilidade de estabelecer periodizações específicas da educação, dissociando-se dos marcos políticos e econômicos tradicionais de historiografias anteriores à década de 1950. Segundo Bontempi Júnior, o programa de investigações do Grupo abordaria, em âmbito regional, o ensino normal em São Paulo, a organização do seu sistema de ensino na virada do século XIX para o XX, além da fundação da USP; e, no âmbito nacional, a educação na reforma pombalina, bem como objetos desde os ideais da educação no Brasil com base na literatura romântica da segunda metade dos oitocentos até o ensino primário no início da Primeira República, a educação na Revolução de 1930, a influência de Dewey no Brasil, além do coetâneo Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Sobre a contribuição de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação ao campo da História da Educação, os estudos de Marta Maria de Araújo, listados no Quadro 2, apresentam balanços envolvendo a região Nordeste e especificamente a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Araújo (2003), em *Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região Nordeste,* considera que a produção histórico-educacional na região Nordeste era incipiente até o final dos anos de 1980. Entre 1991 e 2001, foi possível inventariar avanços principalmente no âmbito do GT de História da Educação dos *Encontros de Pesquisa Educacional do Nordeste (EPEN)* e dos programas de pós-graduação da UFBA, UFC, UFPB, UFRN e UFPE. Nesses lugares de produção, foram recorrentes temas como formação de professores, práticas escolares, gênero, currículo, instituições escolares, festas e intelectuais educacionais. Além do mais, fontes diversas foram privilegiadas, como jornais, literatura, fotografia, revistas.

Araújo (2019) aprofunda a análise, com ênfase na atuação dos grupos de pesquisa universitários, a partir da década de 1990, especialmente na UFRN, onde também surgiram grupos formalizados de História da Educação (*Grupo de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais*; *Grupo de Pesquisa Educação, História, Práticas Culturais* e o *Grupo de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais: Abordagens Históricas, Educativas e Literárias*), ancorados em um modelo interdisciplinar e coletivo de produção acadêmica voltado à escrita historiográfica influenciada por autores como Roger Chartier, Peter Burke, Norbert Elias, Fernand Braudel, Michel de Certeau. As trajetórias dos grupos da UFRN têm observado temáticas como o estudo das práticas, representações e apropriações culturais educacionais, por exemplo.

Alves *et al.* (2019) consideram, em *Cartografia das Produções em História da Educação nos Programas de Pós-Graduação em Educação no Pará (2005–2018)*, que na UFPA e UEPA o *stricto sensu* em Educação foi tardio comparado com outras regiões do

país, respectivamente em 2003 e 2005; e que, em 2019, não havia linha de pesquisa somente para a História da Educação. Porém, no conjunto das produções, 16,5% das dissertações e 21% das teses defendidas na UFPA pertencem ao campo da História da Educação. A maioria dos estudos identificados, nas duas universidades, enfatizam a História da Educação na Amazônia paraense, desenvolvendo temas como intelectuais, história de instituições educativas, impressos e estudos locais e regionais, por exemplo.

Ainda, sobre o balanço de contribuições da região Norte, Vasconcelos *et al.* (2023), no artigo *História da Educação: formação do campo nos estados do Amazonas e Pará*, apontam que na Amazônia Legal, no ano de 2021, em onze PPGs (PPGED-UFPA, PPGEDUC-UFPA, PPEB-UFPA, PPGED-UEPA, PPGE-UFAM, PPGE-UFOPA, PPGED-UNIFAP, PPGE-UERR, PPGE-UFAC, PPGE-UNIR e PPGE-UFT), encontram-se produções de saberes histórico-educacionais, nos quais destacadamente o maior movimento ocorre no Pará e no Amazonas. Nas produções, predomina a história social, cultural e oral; e, dentre os principais desafios do campo no Norte do país, está o aumento da produção científica diante do universo de fontes ainda não investigadas e que necessitam de política pública para preservação, como o caso dos acervos escolares e não escolares.

No movimento de escrever histórias da educação silenciadas em territórios afastados dos centros hegemônicos, encontra-se em Siqueira (2005), no artigo *Reconstituindo arquivos escolares: a experiência do GEM/MT*, o balanço dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Educação e Memória (GEM), vinculado ao Instituto de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). O GEM, desde os anos de 1990, com a atuação de Nicanor Palhares Sá e colaboradores, problematiza a pertinência de estudar a identidade educacional de diversos territórios brasileiros e, nesse sentido, colaborar na ampliação de uma história nacional, heterogênea e plural da Educação. O grupo se debruçou sobre as experiências educativas no Mato Grosso, desenvolvendo estudos, leituras e levantamentos de fontes documentais, a fim de fulgurar a constituição da escolarização em um local considerado de 'sertão', periférico e atrasado.

Outra figuração muito significativa para o campo é o Grupo de Trabalho de História da Educação da Anped (GT-HE). Buffa (2016), em *Os 30 anos do GT de História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo*, tece uma escrita comemorativa e crítica, problematizando a produção acadêmica de temas abordados e referências teórico-metodológicas utilizadas pelos autores. O GT-HE, fundado em 1984 e base para fundação da SBHE em 1999, tornou-se um dos mais relevantes da Anped e ampliou as perspectivas historiográficas. Buffa analisa balanços produzidos por Catani e Faria Filho (2002), Vidal e Faria Filho (2003) e Bittar (2006) sobre o GT, e assim evidencia a movimentação do campo, suas disputas (como entre construtos pós-modernos e marxistas) e suas relações com o contexto histórico-político brasileiro. O GT-HE teve a identidade, desde o final do século XX, influenciada pela Nova História (cultural, história em migalhas, história das mentalidades, da vida cotidiana, das

mulheres, dos microacontecimentos). Todavia, na visão da autora, ao mesmo tempo que houve pluralismo teórico e temático de objetos singulares, aconteceu o impacto da fragmentação epistemológica e da realidade, dificultando a compreensão da totalidade do fenômeno educacional. Como alternativa, Buffa (2016) defende a articulação entre o particular e o geral, a pertinência de pesquisas histórico-educacionais empíricas fortemente aprofundadas em termos teóricos, o combate ao produtivismo acadêmico, a valorização das memórias e das lutas coletivas e a história com compromisso crítico e social que vá além da curiosidade de experiências. Não o bastante, Veiga (2026), ao analisar trajetória do GT, destaca a sua preocupação com uma certa acomodação/despolitização na escrita da história da educação, reforça a necessidade da crítica ao eurocentrismo do campo e indica a abordagem decolonial como uma possibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a produção historiográfica veiculada na *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE, 2001-2025) da SBHE, com foco nos textos de balanço que investigam o próprio campo da História da Educação no Brasil. Com a revisão historiográfica, foi possível observar alguns elementos da constituição, da estruturação, da consolidação e dos movimentos internos de um campo em constante transformação, tanto do ponto de vista temático empírico quanto teórico que geram desafios acadêmicos e de compromissos sociais.

A RBHE tem sido um espaço privilegiado para a reflexão crítica sobre os rumos da História da Educação, promovendo o diálogo entre gerações de pesquisadores, a pluralidade teórica e a emergência de novos objetos e abordagens, o que deve ser feito sem desconsiderar os 'velhos' e os 'clássicos'. Notou-se um esforço contínuo da Revista – e por extensão da SBHE – em fortalecer o campo, dar visibilidade à produção nacional e internacional e enfrentar os desafios relacionados às conjunturas políticas, acadêmicas e de comunicação científica.

Entre 2001 e 2025, a Revista publicou 836 textos, sendo 103 diretamente relacionados a balanços historiográficos, dos quais 14 foram analisados com profundidade neste artigo. Os textos não analisados versam sobre historiografia da Educação envolvendo especificamente acervos e fontes, teorias e teóricos, conceitos e métodos, manuais clássicos de História da Educação, História da Educação em outros países e diversos objetos (historiografias de instituições escolares, grupos escolares, negros e mulheres na Educação, intelectuais, disciplinas escolares, livros didáticos, fotografia, imprensa e impressos pedagógicos, cultura escrita, cultura material escolar, arquitetura, tempos e espaços escolares, ensino profissional, educação não escolar, escolanovismo, ordens religiosas na educação, objetos digitais, inteligência

artificial, decolonialidade e outras). Essas questões ficam como um convite ao desenvolvimento de outras pesquisas, devido às incompletudes pertinentes.

A análise dos balanços permitiu identificar linhas de força que se entrelaçam e atravessam a trajetória e o funcionamento do campo, especificamente dos anos de 1990 em diante: a institucionalização da SBHE e de diversos grupos de pesquisa; a participação dos programas de pós-graduação na produção do conhecimento nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste; o interesse crescente por temas ligados à cultura escolar, à educação de sujeitos subalternizados, às práticas docentes e à circulação de saberes; às instituições e às políticas educacionais; à valorização da história local, regional e transnacional como forma de ampliar a compreensão da história educacional brasileira. As discussões destacam um movimento ainda maior em direção à complexidade e à pluralidade das pesquisas no campo, bem como a importância de revisitar a própria produção historiográfica como exercício reflexivo e crítico.

Além disso, os balanços apontam desafios significativos, como o risco de fragmentação epistemológica, o perigo de focar anedotas históricas e desconectar o conhecimento dos problemas socioculturais e econômico-políticos da sociedade, além da necessidade de fortalecer a presença da disciplina de História da Educação nos currículos de formação docente, a relevância da luta por políticas de preservação de acervos e memórias – patrimônios educativos –, a interiorização e a descentralização da produção tradicionalmente centralizada no eixo Sudeste-Sul e, assim, ampliar vozes e experiências na escrita da História da Educação.

É um grande desafio fortalecer a formação, a arte de fazer e a função social crítica do historiador da educação diante das emergências e das crises contemporâneas. O campo da História da Educação no Brasil está consolidado do ponto de vista institucional, intelectual e político, mas em permanente reconfiguração. A prática de balanços historiográficos, como a aqui realizada, deve ser incentivada, pois permite ampliar a consciência histórica sobre os percursos da área, suas potencialidades e suas tensões.

REFERÊNCIAS

Alves, L. M. S. A., Nery, V. S. C., & Silva, L. S. da. (2019). Cartografia das produções em história da educação nos programas de pós-graduação em educação no Pará (2005–2018). *Revista Brasileira de História da Educação, 19*, e070. https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e070

Araújo, M. M. de. (2003). Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região Nordeste. *Revista Brasileira de*

História da Educação, 3(1), 9–41. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38707

Araújo, M. M. de. (2019). As cidadelas das pesquisas de história da educação no Brasil. *Revista Brasileira de História da Educação, 19*, e085. https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e085

Bittar, M. (2006). O estado da arte em história da educação brasileira após 1985: um campo em disputa. In J. C. Lombardi, D. Saviani, & M. I. M. Nascimento (Eds.), *Navegando pela história da educação* (pp. 1–24). HISTEDBR-DEFHE/FE/Unicamp. https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Marisa_Bittar_artigo.pdf

Bittar, M. (2019). Vinte anos da Sociedade Brasileira de História da Educação: com os olhos no futuro. *Revista Brasileira de História da Educação, 19*, e071. https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e071

Bontempi Júnior, B. (2003). "A educação brasileira e a sua periodização": vestígio de uma identidade disciplinar. *Revista Brasileira de História da Educação, 3*(1), 43–68. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38708

Bontempi Júnior, B. (2019). O "grupo de Laerte" e a escrita da história da educação (1962–1972). *Revista Brasileira de História da Educação, 19*, e060. https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e060

Buffa, E. (2016). Os 30 anos do GT de História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo. *Revista Brasileira de História da Educação, 16*(4), 393–419. https://doi.org/10.4025/rbhe.v16i4.885

Carvalho, F. G. de. (2011). História da educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI [Resenha do livro *História da educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*, de L. Xavier, E. Tambara, & A. C. F. Pinheiro]. *Revista Brasileira de História da Educação, 11*(3), 175–182. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38770

Catani, D. B., & Faria Filho, L. M. de. (2002). Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985–2000). *Revista Brasileira de Educação*, (19), 113–128. https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100010

Cerecedo, A. C., Nery, A. C. B., Cury, C. E., Orlando, E. de A., & Gondra, J. G. (2020). 2020 na história da educação: 20 anos da RBHE, 100 anos da UFRJ e ano da pandemia COVID-19. *Revista Brasileira de História da Educação, 20*(1), e139. https://doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e139

Cerecedo, A. C., Nery, A. C. B., Cury, C. E., Orlando, E. de A., & Gondra, J. G. (2021). A RBHE a um passo do bicentenário da Independência e no início de uma nova década. *Revista Brasileira de História da Educação, 21*(1), e190. https://doi.org/10.4025/rbhe.v21.2021.e190

Cerecedo, A. C., Nery, A. C. B., Cury, C. E., Orlando, E. de A., Gondra, J. G., & Luchese, T. Â. (2019). A RBHE comemora os 20 anos da SBHE. *Revista Brasileira de História da Educação, 19*, e102. https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e102

Cerecedo, A. C., Nery, A. C. B., Cury, C. E., Orlando, E. de A., & Luchese, T. Â. (2018). A RBHE comemora seus dezoito anos com novo formato. *Revista Brasileira de História da Educação, 18*, e011. https://doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e011

Comissão Editorial (RBHE). (2002). Editorial – v. 2 – n. 1 – jan./jun. 2002. *Revista Brasileira de História da Educação, 2*(1), 7. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38730

Equipe Editorial (RBHE). (2001). Editorial – v. 1 – n. 1 – jan./jun. 2001. *Revista Brasileira de História da Educação, 1*(1), 7–8. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38748

Galvão, A. M., Moraes, D. Z., Gondra, J. G., & Biccas, M. de S. (2008). Difusão, apropriação e produção do saber histórico: a *Revista Brasileira de História da Educação* (2001–2007). *Revista Brasileira de História da Educação, 8*(1), 171–234. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38592

Honorato, T., & Nery, A. C. B. (2020). História da educação e Covid-19: crise da escola segundo pesquisadores africanos (Akanbi, Chisholm), americanos (Boto, Civera, Cunha, Kinne, Rocha, Romano, Rousmaniere, Southwell, Souza, Taborda, Veiga, Vidal) e europeus (Depaepe, Escolano, Magalhães, Nóvoa). *Acta Scientiarum. Education, 42*(1), e54998. https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.54998

Malerba, J. (2002). Em busca de um conceito de historiografia: elementos para uma discussão. *Varia Historia, 18*(27), 27–47. https://www.variahistoria.org/s/02_Malerba-Jurandir.pdf

Monarcha, C. (2007). História da educação brasileira: esboço da formação do campo. In M. I. M. Nascimento, W. Sandano, J. C. Lombardi, & D. Saviani (Eds.), *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica* (pp. 125–150). Autores Associados; HISTEDBR; Uniso; UEPG.

Pinheiro, A. C. F. (2019). Historiadores da educação brasileira: gerações em diálogo. *Revista Brasileira de História da Educação, 19*, e059. https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e059

Saviani, D., Carvalho, M. M. C. de, Vidal, D., Alves, C., & Gonçalves Neto, W. (2011). Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. *Revista Brasileira de História da Educação, 11*(3), 13–45. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38762

Siqueira, E. M. (2005). Reconstituindo arquivos escolares: a experiência do GEM/MT. *Revista Brasileira de História da Educação, 5*(2), 123–152. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38649

Soares, F. S., & Plessim, V. K. (2019). Por uma história da história da educação no Brasil: Diana Vidal entre os 20 anos da SBHE e os 22 anos do NIEPHE (entrevista). *Revista Brasileira de História da Educação, 19*, e090. https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e090

Vasconcelos, K. R. de M., Souza, D. P. de, & Miki, P. da S. R. (2023). História da educação: formação do campo nos estados do Amazonas e Pará. *Revista Brasileira de História da Educação, 23*(1), e280. https://doi.org/10.4025/rbhe.v23.2023.e280

Veiga, C. G. (2026). Histórias de educações: comemorar os 40 anos do GT 02 e celebrar as gerações de pesquisadoras e pesquisadores na historiografia da educação no Brasil. *Revista Brasileira de História da Educação, 26*(1), e407. https://doi.org/10.4025/rbhe.v26.2026.e407

Vidal, D. G., & Faria Filho, L. M. de. (2003). História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880–1970). *Revista Brasileira de História, 23*(45), 37–70. https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100003

Vieira, C. E., Galak, E. L., Gondra, J. G., Medeiros Neta, O. M. de, & Campos, R. D. de. (2024). História da educação e a história política. *Revista Brasileira de História da Educação, 24*(1), e345. https://doi.org/10.4025/rbhe.v24.2024.e245

Tony Honorato: Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista. Professor de História da Educação no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Produtividade PQ/CNPq. É membro da Sociedade Brasileira de História da Educação.

E-mail: tony@uel.br
http://orcid.org/0000-0003-3057-1157

Ana Clara Bortoleto Nery: Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora de História da Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista, campus Marília. Bolsista Produtividade PQ/CNPq. É membro da Sociedade Brasileira de História da Educação.

E-mail: ana-clara.nery@unesp.br
http://orcid.org/0000-0001-6316-3243

José Edimar de Souza: Doutor em Educação com Pós-Doutorado em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Docente nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História da Universidade de Caxias do Sul e na área de Humanidades. Bolsista Produtividade do CNPq. É membro da Sociedade Brasileira de História da Educação e da Sociedad Española de Historia de la Educación. Vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória. Coordenador do GT 02 da ANPEd e do repositório digital ECOAR.

E-mail: jesouza1@ucs.br
http://orcid.org/0000-0003-1104-9347

Recebido em: 28.03.2025
Aprovado em: 12.06.2026
Publicado em: 19.07.2026

Editor-associado responsável:
Carlos Eduardo Vieira (UFPR)
E-mail: cevieira9@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6168-271X

Rodadas de avaliação:
R1: dois convites; dois pareceres recebidos.

Como citar este artigo:
Honorato, T., Nery, A. C. B., & Souza, J. E. de. História da Educação no Brasil: uma revisão historiográfica na RBHE (2001-2025). *Revista Brasileira de História da Educação, 26,* e422. DOI: https://doi.org/10.4025/rbhe.v26.2026.e422

Financiamento:
A RBHE conta com apoio da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e do Programa Editorial (Chamada Nº 30/2023) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Licenciamento:
Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).

Disponibilidade de dados:
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.